



Genésia de Sousa Nogueira

É uma mulher preta, fruto de diásporas. Professora alfabetizadora na SEEDF desde 1995. Uma mulher apaixonada pela vida, encantada com os ritmos e danças afro-brasileiras. Para ela, o mais importante é ouvir e aprender a história do seu povo contada pelos próprios.

Gênero, raça e docência: materialização da Lei 10.639 na sala de aula

RCC - A construção da identidade do povo brasileiro, do ponto de vista histórico, foi um processo baseado na interação entre três grandes matrizes formadoras – a indígena, a africana e a europeia. Esse processo, entretanto, não ocorreu de um modo tão harmônico como comumente se acredita – uma perspectiva expressa, por exemplo, na concepção de “democracia racial”; mas pode ser considerado, em muitos sentidos, o produto de relações tensas, por vezes opressoras e até mesmo violentas. Em diversas esferas da vida social, as dinâmicas e experiências históricas decorrentes da formação do povo brasileiro contribuíram para a consolidação de mecanismos de hierarquização entre as matrizes formadoras, muitos deles bastante sutis, ajudando a naturalizar a diferença e a discriminação racial. Comente um pouco sobre os lugares diferenciados que negros, brancos e indígenas ocupam na sociedade brasileira, principalmente no contexto da educação.

Genésia de Sousa Nogueira - No contexto educacional, esses lugares são bem diferenciados e foram, de um modo geral, meticulosamente definidos por séculos: espaços que não são ocupados em plenitude por negros, indígenas e seus descendentes. Com isso, desde a formação do Brasil, ocorre a manutenção de privilégios e de um status quo que tende a favorecer os descendentes europeus.

Os ensinamentos delegados a nossos ancestrais não tinham o objetivo de oferecer um conhecimento crítico e libertador. Nos dias de hoje, por outro lado, o processo de ensino-aprendizagem clama por um olhar sensível, empático e inclusivo nas estratégias pedagógicas, onde a perspectiva das outras matrizes possam ser igualmente consideradas. O índice de pobreza, analfabetismo e vulnerabilidade dos negros e indígenas no Brasil é tão significativo que, com muita luta, se criou a Lei 10.639/2003, que determina aos brasileiros o direito ao estudo da cultura afrodescendente,

incrementada pela Lei 10.645, que orienta sobre a inclusão da cultura indígena no currículo.

As táticas de colonização europeia se entranharam nas três matrizes formadoras de tal forma que em nossas famílias ouvimos desde cedo: “Para quê estudar?”, “Coloca-os logo na cozinha, na obra dos outros”. Palavras de uma violência desmedida, que aos poucos foram desestruturando o nosso emocional, com pensamentos de abandono, de exploração, de desistência dos estudos. Uma verdadeira bagunça mental nos tempos passado, futuro e presente.

Na minha infância e adolescência na Ceilândia, lembro que tinha muito medo da casa dos outros; víamos e ouvíamos vários relatos de brigas de facas, de estupros, de assassinatos, tiros rasgando o telhado, era uma “terra sem lei”. Definitivamente meu lugar seguro era na escola pública, segundo lugar de convivência para as crianças e adolescentes, além das igrejas e templos conforme a fé de cada família, espaços teoricamente mais propícios a relações mais empáticas e respeitadas.

Eu queria estudar, amava meus professores, mas não entendia por que entrava muda e saía calada da sala por anos nas séries iniciais e finais do ensino fundamental. Um corpo invisível temendo as avaliações externas: o medo das reprimendas dos professores e de meus pais, de perder minha mãe e ter que trabalhar nas casas dos outros.

As festas nas escolas sempre existiram como forma de interação da comunidade escolar. Nós, entretanto, participávamos praticamente como espectadores e vendedores de rifas. Por que será que não havia um encorajamento do professor(a) para uma dança inclusiva, uma rainha e um rei de cada povo?

Influenciada por essas reflexões, decidi cursar o magistério, em pleno regime militar. Na Escola Normal de Ceilândia o corpo docente era diferente. Debatiam a realidade que vivíamos. O perfil de estudante calado(a) e conformado(a) não renderia nota e muito menos a certificação. Me realizei com as aulas de história da educação, psicologia da educação, das aulas de recreação e jogos, dos debates contextualizados, a produção de material didático, dentre outras que enriqueceram meu sonho de ser uma profissional da educação. Além disso, me deparei com a triste realidade de que embora houvesse autonomia dos professores no planejamento das aulas, os conteúdos ainda permaneciam estereotipados e depreciativos em relação aos temas das relações étnico-raciais.

RCC - A violência urbana é um fenômeno social que possui implicações importantes no campo da educação. Essa questão parece afetar, em particular, a vida escolar dos

estudantes negros, uma que vez, segundo o Atlas da Violência de 2019, por exemplo, no Brasil pessoas negras são mortas com mais frequência que pessoas não negras: os negros representam 75% das vítimas de homicídio. Além disso, dos 10% de brasileiros mais pobres, 75% são negros, conforme aponta o IBGE. De acordo com suas experiências pessoais e profissionais, como você caracteriza e interpreta os efeitos da violência urbana no cotidiano escolar, sobretudo para os estudantes em situação de vulnerabilidade social?

Genésia - No ambiente escolar, como em todos os espaços da sociedade, nem todos os afrodescendentes e indígenas tiveram a sorte de encontrar docentes engajados socialmente e qualificados para desconstruir perspectivas colonizadoras, mercantilistas e estereotipadas – ou seja, professores que reconhecessem os mecanismos de opressão que afligem o nosso povo, que nos empurram para as margens, nos deixando mais vulneráveis a problemas como a morte precoce, a desistência escolar e, ainda, a impossibilidade da ascensão profissional.

Enquanto estudante, percebi que poucos colegas negros(as) terminaram o ensino médio. Muitos(as) desistiram do ensino diurno e entraram no mercado de trabalho para ajudar os pais nas despesas de casa. Alguns tentaram o estudo noturno depois do trabalho, outros suncubiram no caminho das drogas. Fato que justifica a desistência e reprovação das crianças nas escolas.

Os negros são colocados à prova em vários momentos de suas vidas e sofrem com os estereótipos, os rótulos e os julgamentos precoces. No caso do homem negro: “o mais forte”, “o agressivo”, “o melhor no futebol”, “o melhor do samba”, “o viril”. No caso das mulheres: a sexualização, a objetificação do corpo negro, a subtração de direitos enquanto gênero feminino. Pré julgamentos que desumanizam. Essas questões precisam ser pensadas, analisadas e desconstruídas, pois são efêmeras e são ideias criadas ao longo de um processo colonizador para nos desviar do real objetivo da educação: tornar o estudante cidadão para a vida. Com isso, a relevância e necessidade do próprio povo contar a sua história e orgulhar-se de suas origens, fato que só fortalece a importância da Lei 10.639/03.

As aulas de História, nas quais apresentam em seus materiais os povos negros nus, acorrentados, açoitados, em trabalhos braçais, são momentos para lembrar aos estudantes das injustiças e opressões dos nossos antepassados que resistiram, sobreviveram, mas que precisam ser reassignificadas. Contudo, urge no trabalho pedagógico a ênfase nos valores que libertam nosso povo. Hoje, encontramos representantes nas diversas

áreas da sociedade. Inclusive a abordagem não pode ser só nas disciplinas de História e Geografia como no passado, aulas que afloravam em nós os sentimentos de vergonha, medo, culpa e, ao chegar a casa, vários questionamentos a nossos pais.

RCC - Problematicar a questão da diversidade étnico-racial no âmbito dos currículos e materiais escolares é uma iniciativa fundamental para o fortalecimento de práticas pedagógicas antirracistas e comprometidas com os ideais de justiça social. Como tem sido a sua experiência trabalhando com as questões étnico-raciais na escola? Quais práticas você destacaria como exitosas e transformadoras na vida dos estudantes?

Genésia - Em primeiro lugar, é importante reconhecer a importância de trabalhar essas questões ao longo do ano letivo e não somente no dia da Consciência Negra ou no Dia do Índio, datas trabalhadas formalmente no currículo escolar.

Geralmente, temos que ser cautelosos nas palavras, apresentar ao grupo práticas que deram certo e, o mais importante: continuar o trabalho mesmo que existam resistências. A abordagem do tema jamais deve vir com debates calorosos, com intenção de julgar quem está certo ou errado e culpar. Estamos em constante mudança. Vivemos um momento em que precisamos de todos – por mais que evitemos pensar no tema, a vida nos traz a reflexão, pois a miscigenação continua: quem nunca viu mães preocupadas com seu filho(a) negro(a) que irá nascer ou adotar?

Em minhas aulas nas séries iniciais, procuro trabalhar os componentes curriculares através de literaturas infantis, observando as características físicas e históricas de cada estudante com leituras, releituras, interpretações, contextualizações e questionamentos, tais como: “e onde estavam nossos avós, nossos pais e você?”, não tenho vergonha de relatar a meus estudantes as minhas origens. Costumo apresentar nosso povo nas mídias, nas artes, na literatura, na música e nas disciplinas. Concomitantemente, percebo os alunos interessados em ouvir sobre minha infância, meus estudos e fatos da minha família, pois isto os encoraja e nos aproxima. As crianças percebem que sobrevivemos às adversidades da periferia com conhecimento e sem negar nossos verdadeiros heróis: nossos pais e antepassados.

O trabalho na base, ou seja, estudos para entender as opressões sutis inseridas nas instituições, como também inserir nas ações e atitudes os valores civilizatórios: a arte de amar a família, o seu corpo, de não se comparar com ninguém; não aceitar padrões de beleza excludentes, a gratidão pela vida, apreciar nossa cultura

e ancestralidade e se permitir alegrar-se na música, na dança, no acolhimento. Muitos fatos históricos e atuais precisam ser desconstruídos e reconstruídos, sem desmerecer qualquer cultura diferente da nossa e sem ódio.

O ser humano gosta de ser percebido, por isso, ensino a meus alunos que todos são importantes, na comunidade escolar não existe ninguém melhor do que o outro. Quebramos padrões de beleza apreciando junto com eles as características e atitudes que cada um tem a oferecer. Explicar o porquê é importante para apreciarmos a beleza de estarmos vivos. Para refletir com o encontro em cada aula que será levado para a vida. Quando algum deles falta, na hora de agradecer pela merenda, lembramos do faltante com uma prece pela sua saúde e bem estar. Esta é uma forma de estreitar laços e formar elos.

Em 2020, diante do cenário atípico a Pandemia do COVID-19, o qual estamos até hoje, no trabalho final do curso Diversidades da Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação – EAPE. Pensamos em uma forma de incrementar nossos trabalhos e apresentações de livros de literatura infantil com protagonistas negros e índios na alfabetização.. Montamos uma sequência didática com a Oficina do Pre-text trabalhado com o BIA (Bloco Inicial de alfabetização), na Escola Classe 66, no Sol Nascente da Ceilândia, no ano de 2013, em um projeto experimental de uma estudante da Universidade Católica. O trabalho abrange vários componentes curriculares, abre espaços para as artes plásticas e cênicas e é aplicado estrategicamente no horário depois do intervalo.

RCC - Considerando as experiências acumuladas em sua trajetória pessoal, que mensagem você gostaria de deixar para as mulheres negras e, em especial, para as jovens estudantes negras?

Genésia - O obstáculo maior em minha vida como mulher negra retinta foi lidar com a solidão em todas as fases da minha vida familiar e profissional. Por isso a necessidade de potencializar minha autoestima, a gratidão e valorizar a arte do encontro comigo mesma e com outras pessoas. Penso que a arte e a cultura são terapêuticas, principalmente em conjunto com a natureza.

Os assuntos considerados “proibidos” também são obstáculos em minha vida, ou seja, não são pautas. Fomos acostumados a não comentar sobre o envelhecimento, as religiões, a negritude, a homossexualidade, o câncer, as drogas, a pobreza, a fome, a AIDS, dentre outros. Contudo, aprendo com a escritora Carolina Maria

de Jesus em seu livro Quarto de Despejo (1960), que dizia: "A fome é professora". Hoje, eu complementaria a frase como forma de humanizar estas questões: "Os assuntos silenciados são professores".

Às mulheres negras, destaco que é importante nos reconhecer como mulheres sensíveis e, não esperar esta atitude dos outros. Irão dizer que "você é forte!", mas, cuidado! Esse comentário repetido diversas vezes nos coloca na linha de frente do cuidado não remunerado com os outros. O perigo está em esquecermos de nós mesmas, tudo na vida precisa ser equilibrado. Somos as primeiras a serem atingidas pelos julgamentos e depreciações em uma sociedade patriarcal. Assim, convido as todas as mulheres negras: que sejam capazes de viver a sua história, contada por vocês. Não neguem os costumes e tradições do seu povo, nem sintam vergonha dos seus antepassados.

Na infância e adolescência fomos acostumados pela mídia por uma mensagem com pouca ou quase nenhuma representatividade. Nem a televisão, rádio, revistas,

os meios de comunicação, publicidade, tampouco os livros didáticos ou de literatura contribuíram para a minha formação sobre a ideia de diversidade. Desta forma, uma lacuna ficou aberta e precisa ser preenchida, no entanto não é preciso seguir os padrões de beleza instituídos por uma ideologia que sufoca nossa existência.

Para minhas meninas negras e principalmente as retintas como eu, digo: se permitam sentir, evitem andar de cabeça baixa; jamais andem com os ombros encolhidos; cada um tem a sua beleza e qualidades; apoiem as mulheres de sua vida. Valorizem seus cabelos, seu corpo, abuse dos penteados. Estudem e pratiquem a leitura e audição apuradas para interpretar e selecionar o que pode nos ajudar a traçar metas de vida. Sonhem e comemorem cada realização. Questionem seus professores, demonstrem interesse nos conteúdos e não esqueçam de valorizar os momentos de festa junto à natureza; os encontros familiares com boa música, dança e rodas de conversas. Tudo isso nos oferece aprendizados valiosos. ■